

# Instantes Cruzados

## Episódio 1

### A fotografia e a realidade

Fotografia de Valério Vieira

Fotógrafa convidada: Helena de Barros/ Helenbar

Direção Sergio Bloch  
Roteiro Betânia Furtado  
Apresentação Milton Guran  
Produção Ocean Films

MILTON GURAN, em primeiro plano, fala para câmera.

GURAN: A fotografia, primeira imagem técnica que surgiu, transformou o mundo. Hoje, que vivemos na civilização da imagem, é difícil pensar que há pouco mais de 150 anos, nada disso existia. No nosso programa nós selecionamos, para cada episódio, uma imagem emblemática da história do Brasil e convidamos um fotógrafo para se inspirar nela. Vamos juntos viver a magia da fotografia e do fazer fotográfico.

[Sala]

GURAN: No programa de hoje, vamos falar da obra de Valério Vieira. O fotógrafo paulista, que atravessou a virada do século XIX para o século XX, era um mestre na fotomontagem, de um grande rigor técnico. Ele foi o autor de uma das fotos mais instigantes da história da fotografia no Brasil. Para dialogar com Valério Vieira nós convidamos Helena de Barros - fotógrafa, mestre em Design pela ESDI, atualmente doutoranda em Design e que se notabilizou como Helenbar, com trabalhos de auto-representação e de fotomontagem. Helena de Barros, quem é Helenbar?

HELEN: Então, a Helenbar começou a existir meio por acaso. Foi um nome que eu fiz, Helen de Helena, bar de Barros, para fazer um email e botei Helenbar também como meu apelido numa das primeiras redes sociais, que foi o fotolog. E o fotolog era uma rede social baseada na imagem. E eu comecei a fazer foto-montagens para botar no fotolog. Com trabalho de Alice no país das maravilhas, por acaso. A primeira imagem que botei, eu só tinha três amigos no fotolog e em uma semana eu já tinha 3 mil. Aqui

eu comecei a desenvolver a minha técnica de fotomontagem que eu chamo de Frankenstein. Eu fotografo várias partes e vou montando essas partes, para montar um único corpo, um único personagem. É uma mistura do que você tem como registro da realidade com o que você complementa com aquilo que você sabe que aquilo pode se transformar.

GURAN: A fotomontagem é um dos campos mais primeiros da fotografia. Porque como a fotografia, a primeira imagem técnica, ela foi vista pelo comum das pessoas como uma janela para o mundo. E o que a fotografia mostrava era verdade, era produto da máquina. Com a possibilidade de você interferir diretamente no mundo visível, esse paradigma da fotografia foi quebrado.

HELENBAR: A fotografia começou aí a se afirmar como arte mesmo, né. Nas vanguardas, nos movimentos de vanguarda, se utilizaram muito da fotomontagem, o dadaísmo, a vanguarda russa, especialmente o Rodchenko, que foi um grande mestre da fotomontagem.

GURAN: Essa história de você intervir na imagem é muito antigo. O pessoal que começou a fotografia no tempo da câmara obscura, do laboratório, da luzinha vermelha. Na foto preto e branco, você protegia, você dava mais luz aqui, dava menos luz lá. Da mesma maneira que a fotomontagem é feita digitalmente.

HELENBAR: Eu acho que hoje a gente tem facilitadores muito grandes, para lidar com a imagem. Acho que o desafio é a gente entender o que a imagem tem de informação, ver o que é possível a gente evidenciar de acordo com o que o fotógrafo tem de interesse, em termos artísticos e técnicos naquela imagem.

GURAN: E a auto-representação? Ela é outro caminho importantíssimo que veio se afirmar principalmente no campo da arte.

HELENBAR: Eu acho que a auto-representação, para mim, me dá especialmente controle do meu trabalho. Eu já experimentei que outras pessoas me fotografassem e não é como eu queria, como eu imaginava. Eu tenho uma imagem de como eu quero que aquele personagem apareça na imagem. E outra pessoa me fotografando nunca percebe todos os detalhes que eu quero que estejam presentes.

GURAN: Olha só, nós participamos juntos dessa exposição aqui, "Eu me desdubro em muitos - a auto-representação na fotografia contemporânea". E aqui a gente tem exemplos de outros artistas que trabalham nessa mesma linha do auto-

retrato, da auto-representação e também da fotomontagem. Eu gostaria de comentar com você para nós vermos como é que o seu trabalho se situa aqui e dialoga com esse pessoal.

GURAN: Vamos começar por essas imagens aqui da Fernanda Magalhães. A Fernanda é a síntese do que a gente tava conversando. Ela se auto-representa, também utiliza colagem, intervenção na fotografia.

HELENBAR: É uma colagem mais analógica ainda. Ela se utiliza desses recursos digitais para tentar transformar isso numa outra realidade. Você olha e você entende que isso é uma colagem, a linguagem dela é essa mesmo.

GURAN: Chegamos nessa aqui que eu queria falar. Orlan, além da auto-representação, ela faz uma auto-escultura, o body modification.

HELENBAR: O momento mais extremo da interferência no próprio corpo para produzir imagens.

GURAN: Eu to curioso e acho que o pessoal de casa ta também para ver quando é que você se inventa.

HELENBAR: Nessa imagem aqui eu acho que comecei a contar um pouco da minha história. Essa imagem que foi inicialmente inspirada na Dama com Arminho do Leonardo da Vinci, eu descobri que eu tava grávida. Ai eu comecei a fazer imagens sobre essa transformação - de vida, do corpo.

GURAN: Agora que a gente viu as tuas fotos, eu quero ver a famosa dedicatória do Pierre et Gilles para você. É esse livro aqui?

HELENBAR: É esse.

GURAN: A dedicatória é importante, mas eu acho que o Pierre et Gilles em si também. É uma dupla de artistas visuais de um casal, por sinal. E eles trabalham com a auto-representação e também com a utilização de outras pessoas para materializar personagens que circulam no imaginário coletivo e sobretudo na fantasia. E a dedicatória.

HELENBAR: É uma satisfação poder encontrar nossas referências pessoalmente e ainda ganhei um retratinho.

GURAN: Então, Helena. Eu acho que você já deve ter uma ideia que foto vai servir de parâmetro, né. Falamos de

auto-representação, de montagem. Pois bem, o seu desafio é você produzir uma imagem hoje que dialogue com "Os 30 Valérios".

HELENBAR: Ô meu Deus do Céu. Não é um, são trinta Valérios.

HELENBAR: Ah, me identifico muito porque eu tenho uma identificação muito grande com o século XIX, né. Com essa busca de tecnologia, busca de resolver as coisas tecnicamente, né. Muda a ferramenta, mas a lógica de construção é a mesma.

[intervalo]

[CASA DO COLETIVO FILÉ DE PEIXE]

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 1: Olá.

HELENBAR: Olá, vocês que são os filés?

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 1: Sim, seja bem vinda.

HELENBAR: Eu trouxe esse desafio aqui de refazer os 30 Valérios. E é um desafio que vocês já passaram. Como vocês conheceram os 30 Valérios e conheceram o Valério Vieira.

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 2: Dentro do Coletivo Filé de Peixe a gente tem um núcleo de fotografia experimental, que pesquisa processos históricos, chamado LabClub. E o LabClube em 2015 aprovou um projeto pela FUNART que foi um projeto de residência, então a gente recebeu aqui no nosso espaço cinco artistas, um de cada região do país. Na residência tinha algumas atividades extras e uma delas foi visitar a divisão de iconografia da Biblioteca Nacional. O Joaquim Marsal recebeu a gente e ele tinha preparado todo um roteiro de apresentação. Quando ele chegou na imagem do Valério Vieira, nos 30 Valérios, a gente não conhecia, eu nunca tinha ouvido falar em Valério Vieira, a gente quase desmaiou ali. E os 30 Valérios foi considerada a primeira foto-performance feita no Brasil.

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 01: A multiplicidade de personagens encarnadas pelo Valério nesse trabalho, nos serviu para pensar a multiplicidade de atividades dentro de um coletivo de arte e a partir daí a gente se deu conta que tinha um campo de pesquisa que era se apropriar de trabalhos icônicos da arte conceitual, da arte política, redirecionar o sentido crítico desses

trabalhos, para um pensamento crítico sobre um coletivo de arte.

HELENBAR: E como é que vocês acham que se dá essa releitura, essa reapropriação, dessa imagem.

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 01: O grande lance de se apropriar de um trabalho é você também conseguir propor através dessa apropriação um novo sentido para aquele trabalho.

HELENBAR: Exatamente.

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 01: Uma nova perspectiva para aquele trabalho. De certa forma, a apropriação, ela ta sempre apta, capaz, de reoxigenar, de refrigerar, de trazer uma nova leitura para o trabalho original.

HELENBAR: Como foi para vocês fazerem os 30 Valérios?

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 02: A gente montou um estúdio nem improvisado aqui no ateliê. E a partir da imagem, da posição da cabeça, a gente começou a posar e fazer as fotos.

HELENBAR: E aí, um ficou dirigindo o outro para ficar na posição certinha?

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 01: Exatamente, todo nosso cuidado foi em controlar relativamente a luz e o posicionamento da cabeça.

HELENBAR: É curioso que a gente tem aqui também o Valério para a gente poder comparar como vocês mantiveram toda a estrutura. O primeiro impacto que a gente tem é que a gente ta vendo a mesma imagem, a gente começa a perceber que não é. E até essa variação de gênero, de ter uma Valéria no meio dos Valérios a gente começa a perceber num olhar mais minucioso né.

MEMBRO COLETIVO FILÉ DE PEIXE 02: No detalhe.

[Biblioteca Nacional]

HELENBAR: Incrível. Para a gente que é pesquisador de imagem, não tem nada como ver um original. Quando a gente vê uma reprodução em um livro, a gente vê a idéia daquela imagem. Mas a gente não vê de fato a qualidade técnica que aquela imagem tem. Então isso realmente é um deleite para quem realmente gosta de curte vê uma imagem.

HELENBAR: Então, Luame, estou aqui com esse desafio de fazer uma releitura dos 30 Valérios, um fotógrafo que na viradinha para o século XX já estava fazendo uma loucura como essa, sendo 30 pessoas numa mesma foto.

LUAME: Incrível né, porque ele não é só 30 pessoas, como aparece a foto dele dentro da foto. Tem vários abismos aí. Aparece uma estátua, um busto, que o rosto também é dele. Aparece ele tocando música e ouvindo a própria música. Então você tem várias máscaras, incrível.

HELENBAR: Ela evoca outras sensações, que não só a visão. Você se transporta um pouco para esse ambiente. Tem essa imagem onde ele busca uma comunicação com o espectador, ele tá olhando pra gente. Então a gente deixa de ver isso como um quadro distante e começa a ser levado para dentro da imagem um pouco também.

HELENBAR: Ele tá falando um pouco aqui da experiência de vida dele né, das coisas que ele gostava de fazer, as coisas que ele admirava. Ele tocava também, ele compunha, ele servia. Quer dizer, é um pouco quem é o Valério Vieira.

LUAME: É legal que aparece o fantástico aí né, que você tirando 30 Valérios já não é mais o mundo da realidade, mas é legal, tem o humor ainda, são 30 pessoas iguais.

HELENBAR: E essa questão do auto-retrato, hoje em dia que a gente está tão repleto de selfies.

LUAME: Acho que a selfie era justamente você ter a necessidade de criar uma identidade, esse é meu rosto, estou de tal maneira, estou feliz hoje. E nesse jogo de você encontrar com você mesmo, você retratar você mesmo, você escrever sobre você mesmo, tem uma coisa que é fundamental, que é você ser enquanto eu pessoal com identidade e CPF desaparecer, e o que aparece é uma expressividade que antecede sua história de vida. Quando você desaparece é que a arte aparece.

HELENBAR: É quase como se o corpo fosse um veículo de uma transmissão de ideias. Essa imagem me desperta muito uma sensação de nostalgia e ao mesmo tempo de reviver, o que você fez nessa vida, o que você faz, dos seus hábitos. Nesse que a gente vive hoje, que a gente tem tantas tarefas, tantas coisas, tantas demandas, tanta pressão social para executar todas essas coisas, isso tudo faz parte da nossa vida contemporânea. Não dá para fugir muito disso quando eu penso em mim sendo 30.

[intervalo]

[estúdio da Helena]

HELENBAR: Eu tinha vários amigos que gostavam de organizar festas à fantasia. Ai teve festa temática de Alice no país das maravilhas, teve festa temática 1900, quando eu fiz esse vestido aqui inspirado no Clint. Às vezes eu não costuro também, esse vestido eu comprei em um brechó e usei do jeito que tá. Às vezes a roupa existe só na imagem, eu costuro no Photoshop. Esse trabalho de me auto-fotografar eu comecei com digital. Quando a gente encara o problema a gente fica imaginando como é que era antigamente, fotografar, tirar um monte de fotos, pesquisar, buscar imagem, era tudo tão mais trabalhoso, envolvia tanto mais tempo. Imagina a quantidade de fotos que ele não deve ter tirado.

Eu não era uma pessoa que tirava muita foto, não fazia muito isso, acho que o personagem começou a surgir nesse trabalho de compor a imagem, de pensar na imagem, de inventar um personagem. Fotografo muito até conseguir tirar umas fotos que eu goste, faço muitas.

O Valério estava em um sarau, acho que estou me imaginando em um sarau também. To fazendo um Valério hoje, mas meu hoje não é muito hoje. Eu gosto de misturar os tempos. Essa aqui acho que talvez seja uma cantora, vamos ver. Agora essa parte da gente se enquadrar e correr e mudar tão rápido. Sendo bem sincera, o Valério foi demais.

O meu trabalho, eu procuro fazer uma colagem realista, minha curtição tem sido um pouco essa. Você tem a preocupação com profundidade de foco, com perspectiva, com ambiente, com a luz, para o trabalho ter uma harmonia. Aqui a gente está fazendo esse primeiro plano, que tem a platéia do Valério, e eu to fazendo também uma plateia de Helenbars. Às vezes não é uma foto que está boa, às vezes eu uso as melhores partes de cada foto e vou montando o Frankenstein. Ai eu vejo a expressão, um pouco também, até os elementos, se o xale estava centralizado, o bordado estava bem no meio das costas, são detalhes que quando você está fotografando outra pessoa você dirige melhor a foto. As minhas personagens todas já estão com as roupas de época, eu também to querendo fazer um cenário bastante rebuscado.

Hoje a gente tem um repertório gigantesco, de várias épocas, com tanta coisa é eu posso brincar com tudo isso. Não adianta ser só uma imagem bem composta, é a carga

semântica mesmo da imagem, o que ela significa, qual é o apelo dessa imagem, qual é o sentimento que ela quer provocar. Eu acho que isso é fundamental para a composição funcionar.

[escritório do GURAN]

GURAN: E aí, Helena? Estou curiosíssimo, como foi esse desafio para você?

HELENBAR: Acho que foi a foto mais demorada que eu já fiz.

GURAN: Aé? Então vamos ver logo a foto.

HELENBAR: Mais de 60 horas de trabalho numa imagem, mais de 180 fotos produzidas.

GURAN: Ah, Helena, é uma beleza. Você recriou o ambiente dele de maneira genial. Introduziu essa Vênus de Milo, muito boa, os vasos e tudo. Uma coisa linda que tem nessa foto aqui é que os Valérios, todos eles são Valério, mas você pode pensar que um é médico e o outro advogado, mas aqui, cada uma dessas personagens tem uma viagem.

HELENBAR: Não podia perder essa oportunidade de investir na indumentária, nos cabelos. Quando a gente passeia nesse primeiro plano, tem uma riqueza de texturas, de renda, de tecidos. E a Vênus, como deu trabalho a Vênus.

GURAN: Vamos ver a outra? Vamos ver o original.

HELENBAR: Eu procurei manter estruturalmente a composição, as mesmas orientações que tem na foto do Valério. Tem os três quadros, tem esse elemento que no dele era uma escada, aqui é um tapete, o plano dos músicos, a estátua. Então eu procurei repetir esses elementos.

GURAN: Nessa foto aqui, o que deu aquela cambalhota, aquele salto mortal na história e caiu no século XXI, é que esse braço aqui pra frente, ele representa uma selfie.

HELENBAR: Exatamente. E essa foi uma selfie acidental. Eu tava indo acionar o timer, mas ele não tava preparado, então acabou batendo a foto.

GURAN: Inesperados ocasionais são ótimos também. Esse é um trigésimo Valério que está aqui?

HELENBAR: É a trigésima Helenbar.

GURAN: É a trigésima Helenbar.

HELENBAR: Eu trouxe aqui pra você ver melhor.

GURAN: Uau, isso aqui é uma heroína do cinema noir americano.

HELENBAR: Nessa foto ai eu tinha apenas 20 anos. Trabalhei com várias épocas diferentes. Tem algumas Alices bem do começo desse trabalho autoral, acho que quase 15 anos de feitas e eu misturei um pouco todos esses momentos.

GURAN: A grande contribuição que você deu é que você transformou uma imagem dura, de personagens iguais, em uma imagem completamente rica de personagens e de feminilidade. Muito obrigado por ter nos feito viajar na magia da foto, na magia da vida, nessa perfeição de técnica.

HELENBAR: Para mim, foi um encanto também, fazer essa viagem no tempo, conhecer melhor o trabalho do Valério e ver como é um trabalho extremamente preciosista, laborioso, delicado. Para mim foi realmente um privilégio.

GURAN: Que beleza. E lembre-se, Instantes Cruzados continua trazendo novos desafios para a fotografia. Até o próximo programa.